

## Índice

|                  |     |
|------------------|-----|
| Livro I          | 7   |
| Livro II         | 63  |
| Livro III        | 181 |
| Nota do Tradutor | 375 |
| Notas            | 377 |

## I

Nas horas vagas da minha aposentação, no momento em que pego na pena para registrar as minhas recordações (são de corpo, mas cansado, tão cansado que a narrativa avançará por pequenas etapas, mas com frequentes interrupções), no momento — dizia — em que, com a minha letra nítida e agradável, me preparo para fazer as minhas confissões ao paciente papel, sou assaltado por um escrúpulo fugidio. Com a minha cultura e a minha instrução, estarei eu à altura deste empreendimento intelectual? Como o que tenho a dizer se refere às minhas experiências, erros e paixões estritamente pessoais e diretos, a minha dúvida incide apenas sobre o ritmo e a qualidade do meu modo de expressão. Ora, eu penso que, em assuntos desses, os estudos aturados e levados até ao fim têm menos importância do que uma vocação natural e uma educação cuidada desde o berço.

Essa educação não me faltou porque sou oriundo de uma distintíssima casa burguesa, conhecida pelos seus hábitos dissolutos. Durante vários meses, eu e a minha irmã Olympia fomos confiados aos cuidados de uma senhora de Vevey que, pouco depois, valha a verdade, teve de abandonar a casa, por via de uma rivalidade entre ela e a minha mãe a respeito do meu pai. Nessa altura, estava ligado por uma terna intimidade ao meu padrinho Schimmelpreester, um artista muito apreciado, a quem toda a gente, na nossa pequena cidade, apelidava de «Senhor Professor», embora talvez ele não tivesse grande direito a esse belo e invejável título. O meu pai, apesar da sua obesidade, tinha uma certa graça natural e caprichava em em-

pregar apenas, na sua linguagem, termos refinados e evidentes. Era de origem francesa pelo lado da sua avó e, tendo feito uma parte da sua educação em França, conhecia — pelo menos era o que afirmava — Paris como a palma da mão. As expressões francesas *c'est ça*, *épatant* e *parfaitement*<sup>1</sup> apareciam constantemente na sua conversa, aliás com uma pronúncia impecável. Outras vezes, empregava a expressão *Ich goutiere das*<sup>2</sup>, tendo gozado até ao fim da vida da simpatia das mulheres. Apraz-me dizer isto antecipadamente, embora com prejuízo da ordem cronológica da minha narrativa.

Quanto ao meu dom inato para o bom estilo, tive sempre demasiadas ocasiões para o afirmar, como o atesta toda a minha vida de fraudes, e creio poder confiar nele na altura em que pretendo apresentar-me como escritor. Além disso, decidi redigir a minha narrativa com a maior franqueza, sem medo de ser acusado de fatuidade ou descaramento, visto que só as confissões redigidas com absoluta veracidade podem possuir algum valor e algum sentido moral.

Nasci no Rheingau — uma região abençoada, amena e sem rudeza —, que, sob o aspeto do clima e da confiança do solo, em que abundam cidades e aldeias cheias de uma população jovial, pode ser considerado um dos lugares mais encantadores da terra habitada. Lá existem, abrigados dos ventos rudes pelo maciço renano, e expostos ao sol do meio-dia, esses lugares célebres de que bastam os nomes — Raenthal, Johannisberg, Rüdesheim — para alegrar o coração dos amadores de vinho. Lá se ergue também a venerável cidadezinha em que nasci, poucos anos antes da gloriosa fundação do Império Alemão. Situada um pouco a oeste da curva que o Reno forma em Mainz, e famosa pela sua indústria de vinhos espumantes, é a mais importante escala dos barcos a vapor que, a toda a velocidade, sulcam o rio. A cidade conta cerca de 4000 habitantes. A jovial Mainz era muito próxima, bem como as estações termais do Taunus — Wiesbaden, Homburg, Lagenschwalbach e Schlangenbach —, apenas a uma meia hora de trajeto por um caminho de ferro de via reduzida. Durante o verão, os meus pais, a minha irmã Olympia e eu fazíamos excursões de barco, de carro ou de comboio, em todas as direções, atraídos pela sedução e pelos espetáculos raros criados pela natureza e pelo engenho do homem.

Vejo ainda o meu pai, inteiramente à vontade no seu fato de verão aos quadradinhos, sentado no jardim desta ou daquela estalagem (sempre afastado da mesa, porque o seu ventre proeminente o não deixava aproximar-se muito), a saborear, com infinito prazer, um prato de caranguejos, acompanhado de um copo de vinho dourado. Algumas vezes, o meu padrinho Schimmelpreester ia connosco e, com o seu olhar agudo e inquiridor, observava, através das suas lunetas redondas de pintor, a região e as pessoas, acolhendo, na sua alma de artista, as grandes e as pequenas impressões.

O meu pai era proprietário da casa Engelbert Krull, que fabricava a marca de champanhe, hoje desaparecida, *Loreley extra cuvée*. As suas caves eram na margem do Reno, perto do cais de embarque, e muitas vezes, quando eu era pequeno, vagabundeava sob as suas abóbadas frescas, passeando com um passo despreocupado e sonhador pelos corredores de pedra que as atravessavam em todos os sentidos e eram rodeados por altas prateleiras cheias de garrafas semi-inclinadas.

«Ora aí estão vocês», dizia a mim próprio (embora fosse incapaz de formular os meus pensamentos com palavras tão adequadas), «ora aí estão vocês, deitadas na penumbra subterrânea, enquanto no vosso seio se decanta e se prepara o líquido vivo e dourado que um dia irá acelerar as pulsações de tantos corações e avivar a cor de tantos rostos. Sois nuas e insignificantes, mas um dia subireis a um mundo superior, sumptuosamente vestidas, para lançardes as vossas rolhas ao teto, nas festas, nos casamentos, nos gabinetes particulares, com um ruído de alegre explosão. Ireis espalhar então, entre os homens, a embriaguez, a leviandade e o prazer.» Eis, pouco mais ou menos, o que dizia a si próprio o rapazinho que eu era, sendo contudo certo que a firma Engelbert Krull ligava uma importância extraordinária à apresentação das garrafas, isto é, àquilo que, em termos de ofício, se chama o «penteado». As rolhas comprimidas eram fixadas com fios dourados e prateados, cobertas com lacre vermelho de que pendia um selo redondo e solene, como o que se vê nas «bulas» e nos velhos documentos oficiais. Os gargalos das garrafas eram recobertos com papel prateado, ao mesmo tempo que, sobre o bojo, uma etiqueta, que o meu padrinho desenhara, exibia o seu esplendor dou-

rado. Nessa etiqueta, além de brasões, estrelas, da assinatura do meu pai e da marca *Loreley extra cuvée*, avultava uma figura de mulher vestida unicamente com braceletes e colares. Sentada na ponta de um rochedo, com as pernas cruzadas, erguia os braços para pentear a cabeleira ondulante. Parece, contudo, que a qualidade do vinho não correspondia inteiramente a este estupendo reclamo.

— Krull — dizia, algumas vezes, o meu padrinho ao meu pai —, respeito-o muito, mas a polícia devia proibir o seu champanhe. Há cerca de oito dias que caí na asneira de beber uma meia garrafa e ainda não estou restabelecido! Que porcaria emprega você para fazer esta mexerufada? Você põe-lhe aguardente e petróleo? Aqui só para nós: aquilo é uma mistura de venenos e eu, se fosse a si, tinha medo das autoridades!...

O meu pobre pai, que era um homem pouco enérgico, a quem a ironia deixava sem defesa, ficava sempre maldisposto.

— É-lhe muito fácil fazer troça, Schimmelpreester — respondia ele, acariciando delicadamente, como era seu hábito, a barriga com a ponta dos dedos —, mas a verdade é que sou forçado a fabricar barato. O preconceito contra os produtos nacionais obriga-me a isso. Além do mais, a concorrência é tão grande que tenho dificuldade em aguentar-me.

Assim falava o meu pai.

A nossa casa era uma dessas agradáveis residências senhoriais erguidas nas encostas suaves que dominam a paisagem renana. O jardim inclinado estava cheio de gnomos, de cogumelos e de toda a espécie de animais de louça, excelentemente imitados. Uma coluna sustentava uma bola de vidro espelhada em que os rostos se deformavam comicamente, não faltando também uma harpa eólia, grutas e um repuxo com o seu feixe engenhoso de raios líquidos. Num pequeno lago nadavam peixes prateados. Da casa propriamente dita, resumava, conforme o gosto do meu pai, uma impressão de serenidade e alegria. Recantos íntimos convidavam as pessoas a sentar-se e, num deles, havia um autêntico bastidor. Sobre as estantes e as pequenas mesas cobertas de veludo estava disposta uma série de ninharias: *bibelots*, conchas, cofrezinhas com espelhos e frascos de perfume. Havia também por toda a parte uma série de almofadas de penas, cobertas de seda ou bordadas à mão, multicolores e dispersas,

sobre os sofás e sobre os divãs, porque o meu pai gostava de encostos macios. Os reposteiros tinham, como varões, alabardas; e, das portas, pendiam estores feitos de junco e de pérolas variadas, que pareciam formar uma parede sólida e que, contudo, se atravessavam facilmente, sem erguer a mão, separando-se com um ligeiro ruído e fechando-se sobre si mesmos. Debaixo do ventilador havia sido colocado um pequeno dispositivo. Quando a porta, aberta pela corrente de ar, voltava à posição primitiva, ele emitia, em notas finas, a primeira frase da canção «Freut euch des Lebens».